



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.757

## RITO BIZANTINO UCRANIANO-Elemento Constitutivo de Identidade Étnica

Fernanda Mazuco de Abreu  
Devanir Leite

Universidade Estadual de Ponta Grossa

**Resumo:** Esta pesquisa revela o Rito Bizantino como elemento constitutivo na manutenção de identidade étnica entre os descendentes de ucranianos de Ariranha do Ivaí-PR. A colonização desse município ocorreu entre as décadas de 1940 e 1960 e entre os colonizadores estavam os ucranianos e seus descendentes que até nos dias atuais são adeptos da religião católica ucraniana. O Rito exercido por esse grupo possui particularidades singulares, no modo como o Padre celebra as cerimônias religiosas, nas orações, cânticos e bênçãos. É um momento de desligar-se do real e conectar-se a um mundo simbólico. É nessa prática ritual que essas pessoas encontram uma espécie de demarcador de fronteira étnica, ou seja, as suas práticas rituais os diferenciam dos demais grupos. A memória e o sentimento de ininterruptão colaboram para que este Rito seja praticado há milênios pelos ucranianos e seus descendentes. Em Ariranha do Ivaí na atualidade há em média entre 10 a 12 famílias que vivenciam as cerimônias religiosas Bizantinas na Capela São Miguel Arcanjo. Sabe-se que na contemporaneidade as identidades estão cada vez mais dinâmicas e variáveis, porém percebe-se um certo desvelo pelo grupo estudado para manter o ritual de forma contínua. A pesquisa foi realizada com base em revisão bibliográfica, fontes orais e observações de algumas cerimônias e orações bizantinas ucranianas. Também foram analisados livros de bênçãos clericais e documentos da Igreja Católica Ucraniana que descrevem aspectos do Rito pesquisado.

**Palavras-chave:** Rito Bizantino; Descendentes de Ucranianos; Memória; Identidade Étnica.

### INTRODUÇÃO

Pensar a identidade étnica de um grupo é reconhecer costumes e tradições preservados entre sujeitos que se reconhecem e são reconhecidos pela sua identidade. Este trabalho tem como objetivo analisar o Rito Bizantino como elemento definidor de identidade étnica entre os descendentes de ucranianos de Ariranha do Ivaí-Pr. Essa pequena cidade foi colonizada entre as décadas de 1940 a 1960, entre seus colonizadores estavam os ucranianos e seus descendentes. Esse povo migrou da Ucrânia para vários locais do mundo, sendo o Brasil um dos países de destino, e a maioria se instalou no Estado do Paraná. (BORUSZENKO, 1969). A forte religiosidade é perceptível na história e cotidiano desses imigrantes, desde a chegada ao nosso país, a religião se mostra como essencial para a união dessas pessoas. É notável entre o grupo pesquisado a consciência de pertencimento à etnia ucraniana como também, a supervalorização da pátria mãe “Ucrânia”.

Em um mundo de múltiplas identidades, esses sujeitos buscam manter sua essência na prática do Rito Bizantino. Na atualidade são entre dez a doze famílias instaladas em Ariranha do Ivaí que realizam suas cerimônias religiosas na Capela São Miguel Arcanjo. Candau (2012) afirma que memória e identidade são conectadas. Percebe-se que a memória colabora para que essas pessoas reelaborem sua trajetória de vida, de forma a manter costumes tradicionais. A ação de lembrar e perpetrar ações religiosas milenares transmitidas de geração em geração contribui para a manutenção da identidade do grupo, não idêntica a de seus antepassados, mas com fortes traços étnicos herdados.

Nas celebrações religiosas que ocorrem na capela são perceptíveis elementos constitutivos de identidade étnica. São particularidades como o padre que celebra de costas para os fiéis, de frente para o altar, os cânticos que são entoados somente com a voz, sem acompanhamento de instrumentos, as inúmeras vezes que os fiéis fazem o sinal da cruz, os rituais de benção da casa, das flores, dos alimentos, da água, das frutas, das velas, entre outras particularidades que somente as celebrações de Rito Bizantino possuem e que colabora para que os fiéis possuam uma identidade com traços particulares. Toda a simbologia dessas celebrações religiosas possuem significados para seus praticantes.

### **Capela São Miguel Arcanjo: espaço de religiosidade**

O grupo focalizado neste estudo configura-se o de descendentes de ucranianos que se encontram radicados no Município de Ariranha do Ivaí. A denominação desse município se explica por motivo de que na época de sua colonização eram encontradas muitas ariranhas nos rios locais, também conhecidas como onças d'água. Essa localidade que possui na atualidade uma população estimada de 2421<sup>1</sup> habitantes pertenceu à Ivaiporã como distrito até 10 de setembro de 1996, quando foi elevada à categoria de município através da Lei Estadual nº 11.509<sup>2</sup>. Ivaiporã iniciou seu ciclo colonizador durante as décadas de 1940 a 1960. Entre as etnias que migraram para as terras ivaiporaenses estavam os ucranianos e seus descendentes, os quais em grande parte se fixaram em Ariranha do Ivaí. Esses sujeitos se deslocaram da Ucrânia para as terras brasileiras em várias fases. Sobre essas etapas de imigração Boruszenko (1969, p. 427-428) elucida que:

A primeira, data dos fins do século XIX, quando milhares de ucranianos, em consequência da superpopulação agrária e débil industrialização, e ainda as más condições socioeconômicas, abandonaram as terras negras e transferiram-se para outros países, entre os quais o Brasil e, particularmente, o Estado do Paraná. A segunda etapa da imigração ucraniana efetuou-se após a Primeira Guerra Mundial. Os motivos, desta vez, foram, sobretudo políticos. O maior êxodo dos ucranianos deu-se, porém, após a Segunda Guerra Mundial, êxodo este no qual se inclui a terceira etapa da imigração ucraniana para o Paraná.

Muitos dos ucranianos quando chegaram ao Brasil se instalaram em colônias como a localizada em Ivaí, município paranaense. Algumas famílias permaneceram por pouco tempo nesses lugares e migraram para outros locais por motivo das dificuldades encontradas, como a falta de terras para plantar e péssimas condições de vida. Vários desses indivíduos foram encarregados pelo governo para colonizar regiões ainda não desbravadas, derrubando matas e construindo estradas.

Não conheciam a língua da segunda pátria e passaram também dificuldades com a escassez de alimentos. (BURKO, 1963). Por esses motivos começaram a buscar novos locais para morarem. Nessa busca por uma vida melhor

---

<sup>1</sup> Disponível em < <http://cod.ibge.gov.br/2LRXP> >. Acesso em 12/03/2015.

<sup>2</sup> Disponível em <<http://www.ariranhadoivai.pr.gov.br/portal1/municipio/historia.>>. Acesso em 12 de março de 2015.

vários ucranianos se fixaram em Ariranha do Ivaí, que na época de sua colonização, entre a década de 1940 e 1960, possuía terras apreciadas entre as mais férteis do país<sup>3</sup>.

Um dos infortúnios que muito afetou a vida dessas pessoas na nova pátria foi a ausência de apoio religioso. Burko descreve a ligação desses sujeitos com sua religião cristã oriental de Rito Bizantino narrando que “uma das características do povo ucraniano, além de certas virtudes inatas, como, por exemplo, a lealdade, o amor a terra e ao trabalho, é a religiosidade um sentimento profundamente arraigado, que o prende a sua religião tradicional”. (BURKO, 1963, p.59). Quando os ucranianos e seus descendentes chegaram a Ariranha do Ivaí entre as décadas de 1940 e 1960, não encontraram uma igreja de Rito Bizantino para frequentar.

Essas famílias vivenciavam a fé e as ações rituais na casa de um dos fiéis, até que a pequena igreja São Miguel Arcanjo foi construída em 1967. O Sr. Albino Kupchynskyi se organizou juntamente com a população de ucranianos e descendentes para edificar a capela. As medidas da pequena igreja eram de 14mx19mx9m, conservadas até os dias de hoje.

Os primeiros membros que formaram a diretoria da capela foram Demétrio Verenka como presidente e Estefano Onesko como vice-presidente. O responsável pelas finanças foi Estefano Hneda e Boris Roik, o primeiro secretário. O Padre que celebrava as cerimônias e ritos chamava-se Mateus Demeterco e as celebrações ocorriam uma vez por mês. Naquela época eram 30 famílias que pertenciam à comunidade de fiéis que frequentavam a capela. O padre realizava aproximadamente 60 confissões e 430 comunhões anuais<sup>4</sup>.

O pequeno santuário pertenceu à Paróquia de Ivaí até no início da década de 1970, quando passou a pertencer à Paróquia Nossa Senhora da Glória localizada no Município de Pitanga, por estar mais próxima dessa cidade<sup>5</sup>. Assim o padre passou a celebrar as cerimônias e ritos religiosos na capela com mais frequência. A paróquia de Pitanga está vinculada a Eparquia São João Batista com sede em Curitiba.

---

<sup>3</sup> Disponível em <<http://ivaipora.org/>>. Acesso em 14/03/2015.

<sup>4</sup> CALENDÁRIO. Tradução de Maria Onesko. Prudentópolis, 1971, p. 123.

<sup>5</sup> CALENDÁRIO. Tradução de Maria Onesko. Prudentópolis, 1971, p. 123

Essa Eparquia que congrega todos os fiéis descendentes de ucranianos cristãos Greco católicos da América Latina está conectada canonicamente ao Arcebispado Maior Sviatoslav Shevchuk, de Kiev, capital da Ucrânia e comandada pelo Papa Francisco de Roma - Itália<sup>6</sup>. É nesse contexto religioso que a pequena igreja pesquisada encontra-se inserida até os dias atuais.

Os fiéis que frequentam a capela se mantêm ligados à religião tradicional Oriental Católica Ucraniana praticante do Rito Bizantino, demonstrando a busca pela preservação dos costumes místicos de seus ancestrais. Para esses sujeitos a religião e a fé são sustentáculos para suas vidas, sendo que praticá-las está intrinsecamente ligada a sua etnicidade.

### **Algumas características do Rito Bizantino.**

Explicando a divisão dos ritos cristãos do Oriente, o Padre Schiller (2008, p. 32) descreve que o “Rito Bizantino é o maior dos ritos orientais, pelo menos em termos de números, visto que foi adotado por um grande número de nações. É o rito que teve origem na capital do Império Greco bizantino, Constantinopla ou Bizâncio”. Na contemporaneidade o referido rito permanece com forte presença em várias regiões do mundo, inclusive no Brasil. Sobre o Rito Bizantino constituir-se de elementos simbólicos, Babbar descreve:

Ao entrar num templo ucraniano, depara-se com a inexistência de esculturas ou estátuas de Cristo, dos Santos, ou de Maria, mas é possível perceber os ícones (pinturas religiosas), que são dotados de simbologias específicas dispostas nas posturas das mãos das imagens. (...) O padre celebra o serviço virado para o altar, de costas para a assembleia, em sinal de deferência a Cristo, portando-se deste modo, como guia ou *pastor* da celebração. A quantidade de vezes que os fiéis fazem o sinal da cruz também chama atenção, assim como o modo. Para o sinal da cruz, os fiéis da liturgia oriental unem os dedos polegar, indicador e médio da mão direita e a apoiam os outros dois na palma da mão, como representação da Santíssima Trindade e das duas dimensões humana e espiritual de Cristo. Ademais, o sinal é realizado da direita para a esquerda. (BABBAR, 2008, p. 39).

---

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.eparquiaucraniana.com.br/eparquia/site/index.php> . Acesso em 10 de março de 2015.

Todos os gestos possuem um significado de valor religioso para o grupo. Um dos elementos que compõe a ação ritual Bizantina e que é especial para a religiosidade ucraniana são os cânticos que são entoados sem acompanhamentos instrumentais, valorizando-se a sonoridade da voz.

A música litúrgica tem como principal instrumento a voz, visto a ausência dos instrumentos musicais durante as celebrações. Tradicionalmente, todos os ofícios religiosos são celebrados por meio de cantos entoados por celebrantes, diáconos, coros, cantores e fiéis. (BABBAR, 2008, p. 41)

Esse aspecto da celebração colabora para que a atenção dos fiéis esteja centrada na liturgia da palavra, no significado da oração cantada, não se distraindo com o som produzido pelos instrumentos. Os fiéis compreendem o modo de cantar como algo diferencial em suas celebrações religiosas. Os descendentes de ucranianos de Ariranha do Ivaí seguem a tradição de cantar sem acompanhamentos instrumentais e isso é motivo de orgulho e de entronização dos ritos praticados nas cerimônias religiosas. A perpetuação da ritualidade católica ucraniana é uma forma de manter a identidade étnica do grupo. Terrin afirma que:

(...) o rito é, principalmente e de maneira prioritária um ato de adoração, um momento de expressão de um "Todo", no nível comunitário, um ato de culto que tem a sua direção intencional metaempírica e, como tal, é capaz de unificar de maneira profunda a experiência do real. É direta ou indiretamente um "voltar se para outro" ou, pelo menos, um sentir, através do estar e do fazer juntos, "que no sentido do mundo está fora do mundo". (TERRIN, 2004, p. 35-36)

É estar no espaço da ação ritual, unidos em um sentimento singular e indivisível que não se encontra em um mundo concreto e sim em um espaço único de fé, além das fronteiras do real. Dom Volodemer Koubetch (s/d, p. 01) narra que "O rito é o patrimônio litúrgico, teológico, espiritual e disciplinar, distinto da cultura e das circunstâncias históricas dos povos e que se expressa no modo de viver a própria fé de cada Igreja". Compreende-se então que faz parte da vida e da história desse povo a prática dos ritos religiosos.

O ritual de bênçãos bizantino também compõe as práticas religiosas com características identitárias do grupo pesquisado. Rituais como o de bênção da água que acontece no dia 06 de janeiro de todo ano. Essa água benta é utilizada pelos padres na bênção das casas dos fiéis, que significa bênção para o novo ano. Os fiéis creem que com a bênção de seus lares é possível alcançar abundância e cura.

Outro ritual de bênção praticado pelos fiéis que frequentam a capela São Miguel Arcanjo é a bênção das velas que ocorre todo dia 02 de fevereiro, que é considerado dia santificado (dia em que Jesus foi apresentado ao templo). Essas velas os fiéis ascendem em momentos de orações, quando sentem necessidade espiritual. No sábado que antecede a Páscoa, sábado de Aleluia, acontece a bênção dos alimentos. Sobre essa bênção, Burko (2010, p. 35) reflete:

(...) na época de Páscoa, tempo de maior importância para os cristãos. Época em que nós, descendentes de ucranianos, temos o costume de, no sábado que antecede a ressurreição, benzer alguns alimentos, que são a "Paska", um pão decorado, "kubaça", lingüiça, "krin", uma raiz extremamente forte, conhecida na Ucrânia por rábano-de-cavalo, requeijão, manteiga, leitão assado, "pêssankas", ovos cozidos, sal etc. A parte religiosa é toda cheia de simbologia.

Essa bênção é esperada o ano todo, pois proporciona aos fiéis uma espécie de proteção e amparo, recebendo assim graças em todos os âmbitos de suas vidas. Outros rituais de bênção também caracterizam o Rito Bizantino, como a bênção das flores, bênçãos das frutas entre outros.

### **O Rito Bizantino como elemento de etnicidade.**

Compreende-se que entre os sujeitos estudados permanece uma partilha de memória, valores e ritualidade que podem ser classificados como elementos de etnicidade. Barth (1969, p 189-190) define uma população étnica como um grupo que

1 perpetua-se biologicamente de modo amplo, 2 compartilha valores culturais fundamentais, 3 constitui um campo de comunicação e interação, 4 possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se construísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo.

Um integrante de uma população étnica possui sentimento de pertença e autorreconhecimento como partícipe desse grupo, como também é reconhecido por sujeitos que estão além das fronteiras desse contíguo de pessoas. Ou seja, mesmo quem não é descendente de ucraniano os reconhecem como “ucranianos”. Porém a cultura não é unânime entre um grupo étnico. Esses sujeitos circulam entre várias culturas, assimilando e selecionando alguns elementos culturais que os identificam com a etnia a qual pertencem. O sujeito étnico não vive isolado e sim convive interculturalmente. Esse convívio colabora para a definição das fronteiras da etnicidade.

(...) as identidades são construídas por meio das diferenças e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construída. (Derrida, 1981; Laclau, 1990; Butler, 1993). (...) A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta”. (HALL, 2000, p. 110).

As identidades étnicas não são imóveis e sim, dinâmicas, tendo em vista que os sujeitos pertencentes a uma população étnica quando interagem com outros sujeitos suas identidades passam por modificações. Assimilando e excluindo elementos de outras culturas, como também definindo quem faz parte do grupo ou não. Nesse processo de reconstrução de identidades o passado possui influência.

(...) as identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com a qual elas continuariam a manter certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não com as questões “quem nós somos” ou “de onde viemos”, mas muito mais com as questões “quem podemos nos tornar”. (Hall, 2000, p. 108-109)



Sobre esse contexto identitário, Pollak (1992) destaca que a memória colabora para a conservação de sentimento de identidade, não só a nível individual como também coletivo. É um elemento relevante na constituição de sentimento de ininterruptão e de coesão de um sujeito ou de um grupo no processo de reelaboração identitária. Entende-se que ao evocar as lembranças, os sujeitos resgatam elementos relacionados à própria identidade. Essa ação colabora para que se sintam conectados com o grupo ao qual pertencem e que juntos vão adaptando suas identidades no decorrer do tempo.

Nas narrativas de alguns componentes do grupo pesquisado, compreende-se que a identidade está interligada ao passado ucraniano, nas práticas e costumes, havendo uma supervalorização da ritualidade bizantina. Manter os traços identitários étnicos para eles é uma questão de manter as fronteiras entre a descendência ucraniana e os demais grupos existentes. É na religião católica ucraniana de Rito Bizantino que esses indivíduos encontraram uma espécie de demarcador de fronteira étnica, ou seja, as práticas religiosas os diferenciam dos demais grupos.

A missa ucraniana é muito bonita, mesmo que você não entenda a língua ucraniana você vai à missa e sai de lá renovada. É também preservar todo um conhecimento dos antepassados que vieram da Ucrânia!  
(ENTREVISTADA 1).

a gente acostumou ali desde criança! Parece que assim sabe! Na nossa igreja a gente vai e fica livre, parece que somos os donos da Casa!  
(ENTREVISTADA 2)

É possível perceber nos relatos uma conexão não só com um mundo simbólico e com o passado ucraniano, como também com a tradição religiosa, onde a prática dos ritos é transmitido de geração em geração, sendo assim uma manifestação étnica.

## **Considerações Finais**

O mundo contemporâneo está situado entre rápidas alterações ocorridas devido à expansão da globalização, assim, assume-se cotidianamente diversas identidades. Os integrantes do grupo estudado não estão imunes a essas transformações identitárias, pois não vivem isolados e sim convivem interculturalmente com pessoas de diversos costumes, hábitos, crenças, etc. apresentando várias identidades em constantes conflitos e mutações.

Pode-se entender que o grupo que na atualidade não possui mais imigrantes da Ucrânia, e sim é formado somente por “descendentes” vivenciam a “tradução cultural”. Nas palavras de Hall:

Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições. (...) Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias "casas" (e não a uma "casa" particular). (HALL, 1998, p. 24).

Esses sujeitos herdaram o sentimento de vínculo com a história de seus familiares que vieram da Ucrânia. Porém com a identidade do grupo cambiada e alterada, depois de mais de um século da primeira leva de imigrantes ucranianos terem chegado às terras paranaenses.

A sustentação da identidade étnica ucraniana é algo intrínseco à vida desses sujeitos que se reconhecem por essa identidade e são reconhecidos pelos sujeitos que os rodeiam. Na participação de algumas cerimônias na Capela São Miguel Arcanjo é perceptível a satisfação do grupo em manter a prática do Rito Bizantino, sendo o diferenciador entre eles e os dos demais grupos.

Essa ação ritual é uma prática que é transmitida de geração em geração e possui uma explicação nas palavras de Terrin (2004, p. 302- 303).

(...) ao observar os ritos podem constatar que esses são sempre os últimos a se modificar. Podem se passar milênios antes que um ritual seja afetado, mesmo que a língua já tenha modificado-se, transformando-se, mesmo que os costumes já sejam diferentes, a ponto de os ritos não serem mais compreensíveis. (...) O caráter fixista do rito pode contemplar (e de fato

contempla) uma certa mobilidade e adaptabilidade, embora dentro de uma estabilidade de fundo.

O rito não fica imune às alterações que ocorrem no tempo, porém é afetado mais lentamente. As práticas rituais Bizantina sofreram modificações, porém a essência simbólica do rito mantém-se viva, renovando-se continuamente. Por fim, pode-se compreender que mesmo assimilando vários elementos identitários de outros grupos, os descendentes de ucranianos de Ariranha do Ivaí mantêm seus traços étnicos que são únicos.

## **REFERÊNCIAS:**

BABBAR, L. J. **Características, transformações e adaptações da música religiosa ucraniana no Paraná**. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Departamento de Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras (1969). In: POUTIGNAT, P; STREIFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 187-227.

BURKO, P. V. N. **A imigração ucraniana no Brasil**. 2. ed. Curitiba: OSBM, 1963.

BORUSZENKO, O. A imigração ucraniana no Paraná. In: **Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História: Colonização e migração**. São Paulo, 1969.

**CALENDÁRIO**, Prudentópolis, 1971.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

**DIVINA LITURGIA** de São João Crisóstomo no Rito Ucraniano. Paróquia Nossa Senhora da Glória. Pitanga-PR, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Histórico**: Ariranha do Ivaí. Disponível em <<http://cod.ibge.gov.br/2LRXP>>. Acesso em 10 de fev. 2015.

KOUBETCH D. V. **Eparquia São João Batista**: Identidade e História. Disponível em <<http://www.eparquiaucraniana.com.br/eparquia/arquivos/PDF/eparquia/IdentidadeHistoria.pdf>>. Acesso em 20 de fev. 2015.

MESKIU, Estefâna B. Entrevista concedida à Fernanda Mazuco em 12/02/2014. Acervo da pesquisadora.

ONESKO, Natália. Entrevista concedida à Fernanda Mazuco em 12/02/2014. Acervo da pesquisadora.

PREFEITURA Municipal de Ariranha do Ivaí. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.ariranhadoivai.pr.gov.br/portal1/municipio/historia.asp?ildMun=100141024>>. Acesso em 13 de mar. 2015.

PREFEITURA Municipal de Ivaiporã. **História do Município**. Disponível em: <<http://ivaipora.org/cidade/historia-do-municipio/>>. Acesso em 12 de mar. 2015.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SCHILLER, S. **Nossa Liturgia**: comentários à Divina Liturgia de São João Crisóstomo. Curitiba: Edições Brasilianas, 2008.

TERRIN, Aldo Natale. **O rito**: antropologia e fenomenologia da ritualidade. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2004.